

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA.

SUMMARIO

A ROMA, pelo Padre Sonna Freitas—
SECÇÃO RELIGIOSA: *O Padre Catholico*, por J. Nunes; *A Escola de La Señera* — SECÇÃO SCIENTIFICA: *A perversão philosophica*, pelo Padre Chripim Caetano Ferreira Tavares — SECÇÃO LITTERARIA: *Coisas*, III, por um vimaranense; *Resignação*, poesia por Joaquim Pestana; *Uma visita ao Vaticano* *A Cigana*, por D. Maria del Pilar Sinues, versão de J. de Freitas (continuação); — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: por F. de Guimarães. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES, 15 DE AGOSTO

A « ROMA I »

PELO PADRE MARTINS CAPELLA

A imprensa catholica do paiz acaba de praticar uma boa obra, publicando aquelle excellente livro.

Quem o não comprou ainda, dê-se pressa, antes que a edição se esgote.

É um *in octavo* bem escripto e bem pensado, que com certeza não chegará a crear domicilio nas lojas dos livreiros.

O Revd.º Sur. Padre Martins Capella, parochy de Carvalheira (Terras de Bouro) tomára parte, na qualidade de representante do arciprestado de Amares, na peregrinação portugueza *ad sacra limina*, realisada no anno de 1877. Observador talentoso e entendido, não se limitou elle a ver e gozar, travou da carteira e do lapis e nos refologos ociosos do viajante, no comboio, no

hotel, na estação da via ferrea, foi ponteando avidamente curiosas notas sobre as impressões variadissimas que os homens e as coisas lhe suscitavam, como quem regula contas com o seu proprio espirito.

De regresso aos patrios penâtes, remansiou as suas preciosas notas, ampliou-as, coordenou-as, pespontou a primeira redacção menos curada, deu-lhe a demão das coisas acabadas, e, comtudo, fazia conta de que esses «esboços» de viagem «se haviam de contentar com apparecer em familia, distribuidos pelo illustrado clero do arciprestado d'Amores». Queria sequestrar-os da publicidade. Não tinha razão: a forma litteraria do pensamento, quando se affirma como a do escriptor alludido, não pode ser propriedade de um, nem monopolio de alguns, pertence por sua natureza ao publico.

Ainda bem que considerações de melhor aviso o determinaram a rescindir a primeira resolução. O egoismo gosta ás vezes de encobrir-se entre as dobras do espesso manto em que se embuça a modestia.

S. Exc.º deu-lhe a tempo pelo séstro.

Era de ha muito o seu «sonho dourado» ver Roma, a patria da nossa fé, e o adorado Pontifice que então geria os destinos da Igreja. Conseguiu-o e a cada pagina se está sentindo como a sua alma profundamente christã e sacerdotal, de posse da satisfação d'esse desejo, lhe regorgita de jubilo e lhe tresporda toda em gratissimos alvoroços, em assombros, em ex-

pansões, enlevos e hosannas inspirados na sua crença estreme, principalmente no momento sollemne em que pela vez primeira lhe foi dado fitar os olhos no vulto esculptural e no semblante entre grave e sorridente de Pio IX.

Lourdes, Assiz, S. Pedro do Vaticano foram tres altares onde elle ajoelhou com a fé vivissima e a affectiva piedade do peregrino que não observa com o olhar superficial do *dilettante*, senão com a vista sobrenaturalmente illuminada do christão, que sabe descortinar debaixo das moles de marmore, dos arrojos da architectura e das maravilhas da plastica o pensamento religioso que presidiu á sua realisação. De facto, um dos maiores encantos, senão o maior que encerram para mim os «Esboços e Narrativas de Viagem», é o sentimento franca e eminentemente catholico, direi mesmo, piedoso com que estão escriptos. Desprende-se de grande numero d'aquellas paginas uma como que emanação suave que está a relembrar a poesia amorosa da idade media, repassada de Deus, nascida nos claustros, harpejada por Francisco d'Assiz, Paulo da Cruz, Thereza de Jesus nas cordas d'ouro dos seus corações, sob a inspiração d'uma crença tão sentida e vivaz que se duvida se ella é ainda a fé ou se já é a visão.

Um livro assim espiritualista é para agradecer e inculcar n'estes tempos de prosa e de chato, por não dizer, charro positivismo. Que apparece por ali no nosso mercado litterario, tirante

a magra secção da litteratura sezuda? Muito papelejo apregoado pelas ruas, que seria mais util se se vendesse em branco, muito folheto anemico, muito livro deleterio para os costumes, garabulhado por uns miseraveis realistas, para quem até a folha de figueira é demais, muito outro livro que penetra no fóro da publicidade como jurado falso, iniciado pelo auctor, para falsear a historia, a sciencia e as letras, a cinco tostões e mais por cada burla, como se as letras estivessem de ora avante reduzidas a serem um novo «campo das mentiras» semelhante ao da Alsacia no tempo de Luiz o Piedoso. Felizmente ainda uma ou outra producção litterario protesta pelo fundo e pela fórma contra estas aberrações da missão do escriptor, e entre ellas destaca-se o recente livro do snr. Padre Capella.

Não é só moral, elevado e orthodoxo, é tambem interessante em subido grau pelas muitas noticias archeologicas e chorographicas que nos ministra, ao passo que revela no auctor particular conhecimento dos classicos latinos. Cita-os com a mesma facilidade com que eu posso citar os bons dictos do meu visinho da esquina. Em que peze a Monsenhor Gaume e a Luiz Veillot, tambem eu propendo mais para o sentir de S. Jeronymo que fazia em muito a lição frequente d'esses classicos (discretamente compulsados) como dos eternos modêlos do bello litterario, tão derrancado de presente, e que permittia que vibrassem com as armas christãs dos Padres da Igreja, «a massa de Hercules». Fazamos de tudo provento a bem da verdade.

Aqui e além repontam finas observações sobre as perspectivas e scenas que presenciou, pessoas que conversou, episodios que lhe accidentaram a viagem, sobre logares relanceados e mo-

numentos estudados de espaço. São muitas vezes d'aquellas observações que passam despercebidas para a mente distrahida e trivial que só olha com o primeiro olhar, mas que, por minimas que sejam, não escapam ao acume ou á penetração do talento reflexivo que as nota, taes como os atomos, que volteam no interior de um aposento imperceptiveis, mas que facilmente se enxergam desde que são atravessados por um raio solar. Essas finas observações suggere-lh'as não raro o seu espirito bem humorado e a genialidade do seu character alegre, d'onde a facecia (apanagio dos filhos do campo como elle) brota de nascente e é tão crystalina como a agua da rocha. Já nos seus artigos sobre os «Frades» publicados no «Progresso Catholico», lhe percebera eu a veia alegre e chistosa, mas limpida como a de Theophilo Gauthier que não turva e lodosa como a de Jorge Ferreira da «Euphrosina» ou a de José Agostinho em copia dos seus escriptos. No «Progresso Catholico» era a veia, na «Roma» é o interior da mina que elle nos abre. O seu sorriso é quasi sempre inoffensivo, porém quando ridicularisa o que o seu senso christão com justa causa condemna, taes como as usurpações da Italia italianissima, o labio contrahe-se-lhe ironicamente e o seu estylo exara traços tão incisivos e iria-se de côres tão pantagruelicas como se tivesse herdado a penna rabelesiana. Não t'ó exprobo, meu collega. Ha injustiças e desmandos tão flagrantés que carecem de ser assoalhados perante a opinião com a linguagem castigadora do doesto e do sarcasmo para lhes attrahir o anathema da consciencia publica ultrajada. Não quebres, amigo, a ponta do teu estylete; o gladio da palayra escripta ou fallada não se encurta senão quebrando-lhe a ponta. Duas palavras sobre o portu-

guez dos «Esboços». Não direi en que não descubra um ou outro pequeno *senão* na lexicologia e no meneio da phrase do snr. Padre Capella. Esses miugados *senões* são inevitaveis no primeiro livro d'um auctor. *Nemo repente fit summus*. O proprio respeito com que um escriptor se apresenta pela primeira vez em publico o leva a demasiar-se e a rrebeicar-se nas roupagens e endereços de que se reveste. No snr. Padre Capella as levissimas sombras do seu formoso opusculo dependem quasi que unicamente, não da pouca certeza de mão do escriptor novel, senão da mesma siegularidade litteraria do seu espirito, que, como todo aquelle que em si sente o *ecce deus* da vocação da penna, entra logo desde o principio a fazer obra por sua conta, e sem deixar de descer a discipulo se guinda a original, condição, segundo diz Chateaubriand, de todo o lavor de merito.

O que se evidencia da sua dicção portugueza, é que o snr. Padre Capella, não obstante uns nadas de desprimor, se estadeia um capitalista da lingua. Cada um dos capitulos dos «Esboços e Narrativas», está recamado das opulencias da vernaculidade patria, e tauxiado com o ouro de lei cavado no melhor minerio do idioma lusitano, tal qual se encontra ainda no nosso povo da provincia e sobretudo nos mais qualificados escriptores de mil e quinhentos e contemporaneos.

O estylo sahe-lhe em geral fluente, adequado com o assumpto que reveste, ora familiar, ora remontado, a espaços gentilissimo. Não deu, por tanto, de mão ao estylo, como alguns affectam, não sei porque, se é que o não sei demais. A obra litteraria só pôde ter garantia de longevidade pelo estylo, e não simplesmente pela substancia. Em vão se protestará contra esta verdade: livro sem estylo é

morto-nato. O estylo é o bronze em que o trabalho litterario, destinado a viver, se funde, se corporalisa, se desenha em todos os cambiantes da sua fórma, toma alto relevo, e se perpetua pelas idades a dentro.

Parar na sua estreia, meu caro collega, seria já agora uma responsabilidade. Continue, continue a cuidar, sem levantar mão, o terreno feraz das suas disposições litterarias, produza ainda e sempre para a verdade e para o bem, em prol da religião divina de que é ministro.

Dê mais repasto ao nosso paladar christão e esthetico, e embora o governo se lembre de impôr tambem aos manuscritos d'um auctor a *lei do sello*, sacrifique-se esse tributo ao *deficit* da nação, em beneficio do *deficit* dos bons livros nacionaes.

Ao intrepido e catholico editor, o sr. Teixeira de Freitas, os nossos cordealissimos parabens.

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

O PADRE CATHOLICO

Ha no mundo um homem que ao perpassar pela rua trajando a veste propria da sua classe, n'estes infelizes tempos, em que a impiedade por ahí levanta seu medonho collo e a devassidão se derrama, qual caudal torrente, por todas as camadas sociaes, levando a desordem e lucto ao seio das familias, não encontro em todos os semblantes mais que o sorriso sarcastico e motejador, e após si não ouve outro nome que o de fanatico o hypocrita. Ao ver este proceder das turbas, tão repleto de odio e aversão, dil-o-hicis algum infame que com seus nefandos crimes houvesse atrahido a repulsa universal, mas não: aquelle que passa com os olhos baixos e o sorriso a voejar-lhe nos labios é um anjo do céu baixado á terra, o astro risonho e bello que sobre tantas mausões da miseria e da fome, espargue a consolação e vem trazer a abundancia; é n'uma palavra o sacerdote catholico.

O mundo, porém, o tredo mundo só lhe paga beneficios sem conto com

chufas e baldões que não cessa de atirar-lhe ás serenias e placidas faces!

A ninguem devêra a sociedade maior gratidão e reconhecimento do que a esse homem de dedicação e amor, ao ministro do Altissimo, que com suas preces ferventes e puras affasta de sobre nossas cabeças a colera do Omnipotente, e que de continuo vemos a nosso lado.

Do feito, mal hemos aberto os olhos á luz do dia, elle nos recebe com seus braços, e regenerando-nos com a agua sancta em nome de Deus Trino e Uno, nos introduz, já libertos do tyrannico poder do Satanaz, no aprisco sagrado, fóra do qual não ha salvação.

Mais tarde, quando o novo soldado de Christo necessita de começar a sua peleja, elle lhe veste o arnez e a couraça, e, para o animar no seu pugnar continuo, lhe dá o pão dos fortes afim de lhe retemperar as forças. Se, porém, no renhido combate o joven athleta fraquea, elle corre a ajudalo a levantar-se e a sarar-lhe as feridas que houvesse recebido na dura refrega.

Volvem os dias, os mezes, os annos e eis senão quando aquelle filho estremecido do Ministro do Senhor oncontra um coração pelo qual o seu suspirava e havia muito procurava; lá vem outra vez o sacerdote a santificar esse amor sancto e sublime d'onde nasce a familia com seus gozos tão puros.

Quando assim, depois do porfiado e cruo pelejar, a alma está prestes a trocar o lugar onde só saboreou espinhos e verteu lagrimas pela terra das delicias e a patria suspirada, lá noode o ministro do Senhor, embora no meio do ribombar do trovão e do fuzillar do relampago, a suster seu irmão no terrível combate e aplanar-lhe o caminho da eternidade.

O sacerdote não é de si, é de todos. Se descobre uma ferida que cicatrizar, uma alma a salvar, uma desgraça a evitar, esse homem divino corre, não digo bem, vã, a soccorrer seu irmão afflicto, e muitas vezes vae expôr a propria vida por um que só lhe ha pago mercês infundas com ingratições innumeradas. E elle, semelhante Aquelle que ouvindo restringir pelas quebradas do Golgotha as zombarias e infernaes gargalhadas dos que acabavam de o pregar no Lenho da Redempção só respondia com o *Pater dimitte illis*, passa adiante, olvidando motejos e ingratições, e só cura de fazer o maior bem possivel a quem lhe ha feito tanto mal.

Quem é esse que muito antes que a linda aurora purpleie o céu oriental, vae no silencio da madrugada,

apenas interrompido pelo soturno piar do môcho, de viella em viella, de beco em beco, com passo vagaroso e olhos no chão á maneira de quem procura alguma cousa? E' o padre catholico que, a exemplo do grande Vicente de Paulo, anda em cata de algum innocentinho que sua desnaturada e infeliz mãe, sopeando o maternal affecto, ahí dopezesse no lago da rua, exposto a todas as inclemencias do tempo.

Se a seus ouvidos chegou que tal donzella, á mingua do soccorro e pela summa pobreza, está prestes a lançar-se no torvelinho do mundo, esse anjo de caridade, cumprindo o que Jesus Christo ha recommendado— ignore a tua mão direita—lá vae, outro Antonino, e lhe deita pela gelosia alguma moeda com que amparar-se.

E o que ha feito o sacerdote catholico em prol da instrucção? Digam-n'o essas casas, que hoje com o coração oppresso de profunda magoa vemos por terra derruidas pelo impiedoso camartello da revolução, e aonde ia beber a flux a sciencia assim o filho do que vivia debaixo de artesões doirados como o do que só tinha para abrigal-o do frio norte a pobre choupana de côlmo.

Que diz a preferencia que todos davam e ainda hoje dão ao ensino clerical os que verdadeiramente desejam instruir-se, senão que o padre catholico, não se poupano a fadigas, sempre tem sabido devassar os mais reconditos segredos da sciencia?

A quem se devem as mais brilhantes paginas que adornam as litteraturas de quasi todas as nações, senão ao padre? E, para não recorrermos á historia litteraria de outros paizes, que nos forneceriam sobejos exemplos, e contentando-nos apenas com os casciros, quem haverá ahí que, presando o bello idioma de Camões, se não tenha extasiado deante das arrebatadoras descripções de Luiz de Souza? que não haja lido o portuguez tão casto e puro de Antonio Vieira e tantos outros que adornam a nossa litteratura?

E' assim que o padre catholico em todos os tempos tem cumprido o preceito que lhe pozera seu Divino chefe de ser o sal da terra e a luz do mundo.

Que nobre! que sublime o poetica é a tua missão, oh padre catholico, tu que, fraco mortal, todos os dias fazes descer do céu á terra com tuas palavras o Deus que um dia disse ao encapellado mar—até aqui chegarás e d'aqui não passarás! Oh! por Deus! não olvides a tua missão divina nem manchees a estola que te pende ao pei-

to! Se, porém, algum dia meus olhos te virem rojar a fronte veneranda pelo tremedal imundo de asquerosos vícios, chorarei a tua desdita e só attribuirei á força das paixões e corrupção da nossa natureza a tua infelicidade e de meu peito se elevará por ti ao céo uma prece fervente!

J. NUNES.

A ESMOLA

O primeiro e por sem duvida o mais doce dos fructos do Espirito Santo é, podemos afoitamente affirmar-lo, a caridade.

A caridade! virtude formosissima que conduz as almas ao heroismo, dulcificando todas as dôres, enxugando lagrimas as mais amargas, extinguindo odios, perdoando injurias, aconselhando a pratica de todas as boas obras, enfroando más paixões e fechando todas as feridas. Se entre as virtudes theologaes podesse haver alguma melhor que outra, a caridade seria essa, que levava vantagem ás demais; contudo é a que mais brilha no céo, porque a caridade é tão irmã, tão semelhante ao amor, que frequentemente com este se confunde, tornando-se por isso a virtude que mais purifica todas as miserias da alma, e a que cobre, perante Deus, todos os nossos defeitos.

Mas para que a caridade possa produzir estes fructos, é indispensavel que seja praticada sob as circumstancias proprias d'esta virtude christã, para não se confundir com a philantropia, filha, as mais das vezes, da vaidade; porque então deixa de ser a formosa e doce caridade, então deixa de ser uma virtude.

A caridade é humilde, generosa, activa, delicada, silenciosa e inimiga dos arruados.

Por isso nós vemos que as pessoas que sabem praticar a christãmente, occultam seu nome, escondem seu semblante; estendem a mão ao necessitado e passeiam seus olhares por outra parte, para que uma vista indiscreta não cubra de rubor as faces do que recebe, não se importando com o nome do favorecido, porque o seu fim é remediar a um irmão e não fazer alarde de uma virtude que, quando se publica, perde todo o merecimento, assim como perde o aroma a flôr que emurcheceu.

E' por isso que a verdadeira caridade é tão formosa!

Ha, porém, pessoas, e corporações tambem, que quando dão esmola aos pobresinhos, costumam fazel-o á luz brilhante do dia, com grande appa-

rato, e reunindo os necessitados em sitio onde os veja a multidão dos curiosos, para que exaltem o acto erradamente chamado de caridade.

Isto não merece, não pódo merecer tão sagrado, tão doce nome. A caridade assim exercida, longe de ser caridade, é um insulto arremessado á face da miseria, é um acto de vaidade que a consciencia reprova, e que Deus não póde premiar; porque quem exerce a caridade ao som de musicas festivas e ao estampido de foguetes, tem já recebido a recompensa no prazer do espectáculo que se deu.

Demais, se a esmola, dada d'esta maneira, tem ainda algum merito, esse mesmo merito fica completamente obscurecido com a vergonha que se faz passar áquelle a quem se obriga a recebê-la em taes condições, tão contrarias ao verdadeiro espirito christão; porque o pobre, não acostumado ás liberdades do que tem por officio a mendicidade, soffre cruelmente quando o obrigam a exhibir-se para receber a esmola com apparatus e ostentação.

Ha muitos pobres, a quem desgraças, que não estavam na sua mão evitar, levaram á dura necessidade de recer uma esmola, e que não podem resolver-se e passar por uma tal vergonha, perferindo as maiores privações; porque a pobreza nem sempre extingue na alma os fructos d'uma educação esmerada.

Pratiquemos, pois, a caridade, mas como Deus manda, sem ruido, com delicadeza, com as condições com que quizeramos a exercessem com nós mesmos, se tiveramos a desgraça de estar no caso de receber uma esmola

La Siñera.

SECÇÃO SCIENTIFICA

A perversão philosophica

IV

O eruditissimo philosopho hespanhol D. Juan Lara, diz algures:

«Uma moral sem Deus é uma circumferencia sem centro, um corpo sem alma, uma serie de meios sem um fim, uma lei sem legislador, uma ordem sem intelligencia, um mundo sem providencia, em summa um dos maiores absurdos que podem deshonrar a razão que o abraça». Ora sendo Krause um pantheista, o que equivale a ser um atheu encapotado, perfido e hypocrita e por isso

não menos perigoso que outro qualquer atheu, já se vê que sua moral não póde deixar de ser uma coisa horrivel como mostrámos no artigo passado.

Se não temessemos abusar da paciencia dos leitores do *Progresso Catholico* escreveriamos ainda muitos artigos encaminhados a refutar outros muitos erros de Krause, consequencias do seu pantheismo ou panentheismo (1).

Porém o que deixamos dito basta para que se conheça o que é o systema philosophico de Krause, que o S. P. de Coimbra sente que não seja ainda «devidamente apreciado entre nós».

Mas ah! não é só S. P., de Coimbra, que procura propagar entre nós a impia doutrina de Krause: ha mais quem trabalhe n'essa propaganda.

O sr. Costa e Almeida, professor de philosophia no lyceu nacional do Porto, cujo *Curso elemental de Philosophia* não está limpo de pantheismo, como mostrarei em outra parte, nutro sympathias pela doutrina de Krause que, no dizer do dito professor, «é a tentativa mais completa de conciliação entre o atheismo e o pantheismo» (2).

O mesmo sr. Costa e Almeida confessa que a philosophia de Krause «tem exercido entre nós uma certa influencia pelos escriptos de Ahrens e de Tiberghien» (3).

Ahrens e Tiberghien são discipulos de Krause e não são menos impios, nem menos perfidos, nem menos hypocritas do que o mestre.

Ahrens tem sido refutado por Angelo Bigoni e por outros eximios escriptores.

Tiberghien (G.) tem sido refutado por Laforet, por Orti y Lara, pela «*Revue Catholique*» de Louvain e ainda o anno passado o conego Jacops escreveu um optimo opusculo em que

(1) Krause não quiz que lhe chamassom *pantheista*, mas sim *panentheista*; mas de que serve a differença do nome se, no fundo, a doutrina d'este desgraçado sophista é a mesma que a de Spinoza e de outros pantheistas?

A unica differença que ha entre Krause e os pantheistas que o precederam é que Krause é muito mais perfido, muito mais hypocrita que seus mestres.

(2) Tal conciliação é absolutamente impossivel, como mostrarcinos em outra parte.

(3) O sr. Costa e Almeida, professor em um paiz catholico, teve o desaforo de se tornar propagandista da doutrina de Tiberghien, chegando até a transcrever trechos d'este desgraçado auctor.

refuta uma obra recente de Tiberghien.

Este opusculo intitula-se :

« *Le dogme catholique et la morale de Tiberghien — Avertissement aux parents et aux instituteurs catholiques.* »

Este opusculo foi editado por M. Charles Peeters, livreiro-editor de Louvain.

Jacops prestou um bom serviço á causa da verdade desmascarando a hypocrisia de Tiberghien.

Este snr. Tiberghien na obra refutada por Jacops não se mostra impio franco e desbragado, pelo contrario falla em Deus e na immortalidade da alma, ataca ou apparenta atacar o materialismo e o positivismo ; declara-se enfim espiritualista, mas seu espiritualismo é puramente racionalista. Tiberghien quer vôr no homem só o homem e não o christão. Para elle não ha revelação, nem dogmas, nem peccado original, nem redempção, nem ordem sobrenatural n'esta vida nem na outra. A razão e o desenvolvimto progressivo da natureza humana pela razão, eis todo o homem, eis todo o seu destino presente e futuro (isto segundo Tiberghien, entende-se).

Tiberghien, apesar de não admittir os nossos dogmas, declara-se neutro e incompetente em materia de dogma. M. Jacops soltou um grito d'alarina com o fim de avisar os paes e os mestres catholicos, fazendo ver que não lhes é permitido pôr nas mãos de seus filhos ou de seus discipulos o recente livro de Tiberghien, que, no fundo, não é menos detestavel que as outras obras do mesmo auctor.

« Este livro (de Tiberghien), diz Jacops, é pernicioso embora não seja aggressivo na fórma. N'elle se encontram até numerosas maximas evangelicas e M. Tiberghien falla de Jesus Christo como de um grande moralista. Elle tem isso de commun com Renan e Krause, seu mestre. E' uma maneira cortez de negar a divindade de Jesus Christo. Entretanto sob as apparencias da sabedoria e da moderação elle destroe toda a economia da religião e da vida christã. E' a doninha enfarinhada da fabulo ; é o cavallo de madeira dos gregos no cerco de Troia. Muitos o deixariam penetrar na praça, sem conhecerem que occulta inimigos em seu bôjo. E' mister olhar de perto para não se illudir. »

« A moral de Tiberghien, diz ainda Jacops, não pôde convir senão áquelles que não toem religião, convem a saber, aos racionalistas e aos livres pensadores, que chamam suas escolas *leigas*, porque expulsam d'ellas o padre e a religião. »

Dissemos que Tiberghien falla em

Deus, mas seu Deus é differente do nosso.

O Deus de Tiberghien é o dos pantheistas : e já se sabe que o pantheismo é um atheismo disfarçado, mas não menos hediondo que o atheismo claro.

A doutrina de Tiberghien acerca de Deus é pois condemnada formalmente pela Igreja no Concilio do Vaticano. Tal doutrina está em contradicção com o primeiro artigo do Symbolo dos Apostolos.

Se a doutrina de Tiberghien com relação ao dogma é falsa e perniciosa, não o é menos com relação á moral.

A moral de Tiberghien é uma moral que exclue a revelação divina, uma moral baseada inteiramente no livre exame.

Tiberghien nos representa a razão como a unica regra da vida moral.

Mais. Tiberghien nega o peccado original como nega todos os dogmas.

Os mesmos pagãos com as luzes da razão entreviram o dogma do peccado original.

Passar em silencio ou mesmo negar formalmente esta verdade fundamental é regeitar um dogma catholico que os maiores philosophos toem suspeitado á luz da experiencia e da razão. Eis o que faz Tiberghien e apresenta sua moral ao publico como natural, fundada em razão, universal e neutra. O leitor julgari.

O Filho de Deus fez-se homem, soffreu e morreu para nos resgatar da escravidão do peccado e do inferno e para nos restabelecer na justiça sobrenatural, de que tinhamos decahido, e por conseguinte, em nosso direito á celeste herança

Soffremos ainda, é verdade, as consequencias temporaes do peccado de Adão, a ignorancia, a concupiscencia, os soffrimentos e a morte. Mas nosso Salvador nos deixou como remedio contra a ignorancia sua doutrina saudavel, nontra a concupiscencia sua graça, e sua doutrina e sua graça para nos sustentarem no meio das penas e das luctas da vida.

A graça é o fructo dos meritos de sua paixão e de sua morte. Seus meritos porque é Deus são infinitos, inexgotaveis. Elle nol-os transmite pelos canaes dos Sacramentos. Os Sacramentos operam em nós a graça por sua propria virtude.

Sem a graça não podemos nem obter os dons da fé e da justificação com o direito á celeste herança, nem nada fazer de meritorio para nossa salvação, nem evitar todo o mal, nem conceber de nossos peccados um arrependimento saudavel, nem perseverar no bem.

Com a graça podemos tudo, diz o Apostolo.

Tiberghien não admittre esta doutrina. Depois de ter negado o peccado original, não podia admittil-a.

Tiberghien propõe-se ensinar á mocidade belga uma moral natural, racionalista em troca da moral religiosa.

Já veem nossos leitores quem é Tiberghien e notem que não foi só Jacops que se levantou a desmascarar a perfidia d'esto malvado. Tambem o episcopado belga procurou impedir os effeitos perniciosos da doutrina de Tiberghien, fulminando-a, como ella merecia.

Quizemos que nossos leitores conhecessem Tiberghien, pois vemos que muita gente (1) anda empenhada em propagar entre nós a detestavel doutrina d'este pantheista.

P.º *Christim Caetano Ferreira Tavares*

SECÇÃO LITTERARIA

COISAS

III

Com o titulo—*Testimunho insuspeito em abono das missões catholicas*—lêmos o seguinte na *Esperança*, e merece archivar-se :

« Mr. Slade, um dos mais instruidos e mais fervorosos sectarios da reforma protestante, disse mais em honra das missões feitas por padres catholicos, do que muitos catholicos toem dito.

« Pelas fadigas dos bispos e agentes da propaganda, disse elle, o christianismo se tem conservado na Albania. Gabam-se entre nós muitissimo as

(1) Não é só o S. P. de Coimbra nem só o snr. Costa e Almeida do Porto que trabalham na diffusão da doutrina detestavel de Tiberghien.

Ainda ha pouco tempo vimos annunciado em um jornal do Porto uma detestavel obra de Tiberghien. Esta obra foi já ha mais de dois annos annunciada pelo mesmo jornal. Que insistencia em propagar uma obra pessima !

Para que todos os leitores do *Progresso Catholico* conheçam a dita obra annunciada e não caiam jámais em compral-a, ahi lhe estampamos o titulo. E' assim :

Tiberghien (G). Les commandements de l'humanité ou la vie moral sous forme de catéchisme populaire d'après Krause — 1 volume in-12.

missões protestantes, que custam na verdade quantias enormes: porém, o beneficio que ellas fazem é uma gota d'agua, comparada ao oceano immenso de boas obras derramado pela Igreja Catholica Romana, silenciosa e modestamente, por todos os pontos da Turquia onde os christãos latinos, aborrecidos dos gregos, despresados dos turcos, teriam infallivelmente abraçado o islamismo, se o incansavel zelo dos sacerdotes os não mantivesse na fé, não obstante o exemplo de muitos de seus avós, que apostataram para evitar a perseguição.

Perguntei a alguns d'estes ecclesiasticos, se já tinham convertido algum musulmano; responderam-me sinceramente que não; mas accrescentaram que a sua presença embaraçava a deserção do christianismo para o mahometismo, e que este fructo bastava para os recompensar largamente das suas fadigas.

Crêem elles que se a Albania chegar a cahir algum dia em poder de algum principe franco (*frangue*, de origem europea e christã), em breve os turcos d'esta provincia se farão christãos.

A anomalia que se nota entre a envilecida condição dos christãos da Albania, e a sua egualdade de casta com os musulmanos das montanhas confirma esta previsão. — E' impossivel encontrar-nos com os missionarios da Propaganda no Oriente sem experimentarmos forte abalo de animo, vendo a situação d'estes homens tão recommendaveis pelo seu zelo e merito, cuja paciencia está exposta a provas extraordinarias.

Deve-se confessar que já não é pouco para um protestante!... Mas elle continúa:

« Os missionarios catholicos creados em Roma, no centro das artes e das sciencias, costumados aos commodos da sociedade italiana, voem demandar affastadas regiões, que parecem ainda mais remotas pela dissimilhança dos anteriores habitos de viver do que pela distancia material dos logares.

Sujeitam-se voluntariamente a passar a vida no meio d'um povo que lhe é tão inferior pelo lado da cultura mental, quanto é diverso no que respeita a costumes; e assim existem desterrados, no mais rigoroso sentido da palavra.

Contudo, momentos ha em que nos sentimos inclinados mais a invejal-os que a lastimal-os.

A compaixão suscitada pela idéa do seu sacrificio é superada pelo sentimento de admiração que merecem em razão do desinteresse e perseverança que manifestam no desempe-

nho dos seus deveres, sem esperarem sequer uma sombra de gloria por premio de suas lides, sem que os anime algum d'esses motivos que sustentam as acções humanas!

Cortezes com as pessoas das altas classes, familiares com os inferiores, caritativos com os desgraçados, dão uma imagem viva do que de si dizia S. Paulo: — *Tudo para todos*.

Se contarmos as gerações que tem passado depois das primeiras conquistas ottomanas, acharemos quantos milhões d'almas tem sido salvas por estas vedetas do christianismo, sempre permanentes em seu posto para chamar os transviados e manter os fieis em sua corajosa firmeza.»

E no entanto que este sincero protestante lhes fez o merecido elogio, homens, que se dizem catholicos, fazem-lhes guerra e enfurecem-se só ao ouvir pronunciar o nome de — missionarios!

E' o odio de seita que lhes cerra a vista e lhes não deixa consideraa os beneficios immensos que adviriam ás nossas colonias e á metropole se aquellas tivessem a fortuna de ser illustradas por missionarios.

Muitos liberales portuguezes são como aquelles desnaturados filhos que não consentem aos paes, em perigo de vida, sejam applicados os remedios, unicos que podiam salvar os enfermos, pelo qdo ligadal que nutrem contra o medico.

O nome que a futura e verdadeira historia portugueza ha de dar a estes degenerados portuguezes é facil de conhecer-se já.

No mesmo Diario, poucos dias depois, escrevia o nosso amigo dr. F. Pedroso, activo, benemerito, incomparavel *africanista*.

«...Quando, em desproso de todo o patriotismo, se abandonou o forte de S. João Baptista de Ajudá, o rei de Dahomey deu-o aos missionarios francezes, que para logo emprehen-deram uma missão séria. Isto excitou os nossos estadistas; o negocio foi tratado diplomaticamente e o forte foi restituído.

Que resultou d'ahi? O mesmo que em todas as nossas colonias, o abandono, a nullidade de todo o esforço civilizador!...

Se aqui houvesse juizo, arvorada a bandeira portugueza no forte, e guardado este, nacionalisava-se a missão franceza por um contracto em fórma, e hoje o forte seria um foco de effcaz acção portugueza, a qual hoje está reduzida a zero!

Que espantosos estadistas estes arrazadores!

O sr. Thomaz Ribeiro só acha um

grande meio civilizador; colligar-se Portugal com Inglaterra e França para fazer entrar na ordem o sanguinario despota de Dahomey!

Por modo que a colligação com os governos é boa, é excellente; a nacionalisação d'uma missão franceza é um perigo! E é; pois não eram religiosos os missionarios? Sãta; que peste!

Quando se vê espiritos tão esclarecidos adoptarem taes processos civilisadores e rejeitarem os processos do velho Portugal, a missão catholica, que ha que esperar? O sr. Thomaz Ribeiro estende a mão aos potentes de Albion e das Gallias; e retira-a aos humildes e pobres de Jesus Christo!

Que mais querem para explicar a decadencia colonial da nação?

Que mais havemos de querer? A verdade mette-se pelos olhos de *quantos* os tem « para vêr ».

Segundo lêmos no *The Indo-European Correspondence*, de Calcuttá, de 21 de janeiro, «por iniciativa da Sagrada Congregação da Propaganda, de accordo com os Reverendos Padres franciscanos da Terra Santa, foi determinada a fundação de um collegio no Egypto, collegio que será confiado aos padres da Companhia de Jesus.»

Bem se vê que as ordens religiosas «não são d'esto tempo»!... E que ninguem tem juizo como os politicos portuguezes!... que expulsam os religiosos das nossas colonias e ao mesmo tempo lhe mandam dizer que vão para ellas (afim de os tornarem a expulsar?).

Precisa-se muita paciencia!

Foram para Bengala (na India) alguns ministros protestantes *missionarios*. São todos graduados na universidade de Oxford e homens de grande capacidade. (— *A purple and fine linen mission*—): todavia um jornal da mesma seita que se publica em Calcuttá recommenda-lhes que se não querem trabalhar em vão tomem lição dos jesuitas: — *... recommends... to take a lesson from the jesuita*—, o que já não deixa de ser uma lição algum tanto aspera para os ministros anglicanos.

A proposito, ocabo de lêr na *Esperança*:

« Alexandre Dumas, cuja auctoridade não pôde ser suspeita, referindo-se aos protestantes escreveu nas suas *Impressões de viagem do Dr. Maynard*:

«... *Estes bons apóstolos*, percorrem o paiz com a Biblia n'uma das mãos e um preço corrente das mercadorias na outra, semeando a palavra evangelica e recolhendo os *dollars*....;

dirigindo pessoalmente, para maior gloria de Deus, e para o seu maior interesse, as coisas temporaes e as espirituaes.

Não sei se isto provém de eu ter nascido no meio da Egreja Catholica, porém os missionarios protestantes que tenho encontrado durante o tempo das minhas viagens bem me tem parecido «negações vivas do Evangelho.»

Para elles qualquer novo «convertido» é um novo treguez... e não ficam no altar do verdadeiro Deus sendo para simultaneamente officiarem no do bezerro de ouro.»

Oh! sacra fumes!

Se lhes parece chamem a Dumas «clerical»!

Igualmente não vom fóra de proposito o seguinte:

«Protesto contra os protestantes.— Zwinglio, na conferencia de Marburgo, objectava a Luthero que a presença real do Nosso Senhor no Santissimo Sacramento era um dogma do papismo.

«Pois estão, lhe diz Luthero, negae tambem toda a Biblia; por quanto é do Papa que a recebemos. Nós, ainda a protestantes, somos obrigados a confessar que no papismo ha verdades de salvação, todas as verdades de salvação, e que é d'elle que as recebemos, porque é no papismo que encontramos «a verdadeira Escriptura Santa, o verdadeiro baptismo, o verdadeiro Sacramento do altar, as verdadeiras chaves para remissão dos peccados, a verdadeira prégação, o verdadeiro catechismo, os verdadeiros

artigos da fé. Acrescento, outrosim, que é no papismo que está o verdadeiro christianismo.»

Com vista á *Imprensa Evangelica*.

Tambem li com gosto na citada folha:

«O Duello.—Franklin, fallando sobre o duello, n'uma carta a um seu amigo disse: — «Espanta-me que haja quem no meio das miserias e erros humanos conserve tamanha soberba e vaidade, que presuma digna de morte qualquer offensa contra o seu pundonor.

E acrescenta que estes pequeninos tyrannos não duvidariam dar o nome de tyranno ao principe que mandasse impôr a pena capital a alguém por ditos menos respeitosos acerca de sua pessoa e soberania; ao passo que por inexplicavel contradição não duvidam constituir-se juizes em causa propria, condemnarem o adversario sem processo nem jurado, e o que mais é quererem ser elles os algozes.»

E a proposito do «duello»:

Contou ha tempos o *Diario de Noticias* ter-se realisado na *Outra Banda* (em frente de Lisboa) um duello entre os snrs. Vaz Preto e Emygdio Navarro, sendo os *padrinhos*, as testemunhas e os medicos assistentes todos «deputados». isto é, legisladores, assim como legisladores eram os duellistas, que decidiram matar-se, ou pelo menos ferirem-se gravemente por causa de um artigo de jornal, — coisa prohibida formalmente pela lei divina e pela lei humana!

Ora que os mais «Preto, Navarro, Ennes, Melicio, Eça, Telho», etc. desprezem a lei divina e a excommunhão em que incorreram, não ha muito que estranhar, por desgraça, nos tempos que vamos atravessando; mas que desprezem igualmente o codigo penal da sua patria, e que n'um governo de «igualdade perante a lei» tenham a certeza de ficar impunes, apesar de se ferirem mais ou menos gravemente com premeditação, o fazendo gala do seu crime, apregoado pelas mil trombetas da fama, ao passo que não ficaria impune um mariola qualquer que arranhasse ou dêsse algum socco n'outro individuo da sua classe, excitado por uma *gota* de mais, ou em acto de *primo primus*, no furor d'uma paixão... já é!

Depois queixam-se de que não sejam cumpridas as leis! Quando o exemplo vem de cima...

O *Progresso* (semi-official), o *Diario da Manhã* (orgão do partido «preto», como lhe chamam na Beira), o *Diario de Noticias* e varios outros periodicos, publicando as «actas e outras particularidades muito curiosas e attractivas da «pendencia de honra» (!) não fizeram mais do que propagar o escandalo.— *Liberdade!*

Nem uma só palavra de condemnação! — *Igualdade! Fraternidade!*

Estes burguezes do *livre-pensamento* ainda não perceberam que trabalham para... os *nihilistas!*

Ilão de torcer as orelhas...

UM VIMARANENSE.

RESIGNAÇÃO

(N'UMA DOENÇA)

A um poeta

AO EX.^{mo} E REV.^{mo} P.^o SENNA FREITAS

A faxa branco-azul dos hemispherios,
Onde palpitam borholetas de ouro,
Estrada excelsa dos salões sidérios,
Mostra a meus olhos immortal thesouro!
Alli vagueam meus irmãos ethereos!
Alli repousa meu sonhar vindouro!
Alli da gloria resplandece a origem!
Alli domina a sempiterna Virgem!

F. VABELLA—*Vozes da America.*

I

A ti, a minha voz sonora e meiga,
a ti, o canto meu;
deixae-o penetrar, sorrir na veiga,
depois... subir ao céu!
Alli, n'esse mysterio indefinido,

de gloria e Magestade,
terei a dôco paz sem um gemido
da funda soledade!...

Eu peço ao Creador que me deu vida,
que extinga a minha dôr!

Que alente minha fronte enlanguescida
co' a luz do seu amor!...

Eu soffro, sem remedio, as dôres tristes
da vida que se fina!

Ai! vive, meu poeta! Sei que existes!
no leito é minha sina!

Mandae-me, quando fôr na sepultura,
um canto d'amizade!

Talvez, n'esse gozar que sempre dura,
te diga com piedade:

— « Não tenho n'este seio o desconforto
« da senda que eu ameí!...

« Nem lavra as agonias do meu horto
« nas flôres que sonhei!...

« Que valem, meu amigo, as alegrias
« da infancia no verdor?

« Oh! nada! Só nos ficam harmonias

« nos hymnos do Senhor!
 « Do mundo tudo passa como o fumo
 « nas brancas espiraes!
 « Feliz o que disser: — Vou n'este rumo...
 « na crença de meus paes!
 « Terá no seu caminho, embora rude,
 « a paz, consolação!
 « Pois eu, n'esse lidar, contente pude
 « suster uma illusão!...
 « Eu nunca reneguei da minha crença,
 « da crença de meus paes!
 « A fé tem seu valor na dôr immensa...
 « acalma duros ais!...
 « Foi ella que me deu conforto e vida
 « nas horas d'afflicção!...
 « Que disse; — Dou-te sempre uma guarida,
 « a flor da inspiração!
 « Por isso, n'este leito de venturas,
 « á luz de eterno sol,
 « não sinto d'esse mundo as amarguras
 « na voz do rouxinol!
 « Meu gasto coração não sente dôres
 « da falsa intimidade!...
 « Conserva, como joia de primores,
 « virtude e caridade!...
 « Esconde, que mysterio e que segredo!
 « o fel da ingratitude!...
 « Perdôa, no silencio, o riso trêdo...
 « nas fallas da visão!...
 « E Deus, que tudo nos governa o sabe tudo,
 « que vê nossa amizade,
 « só quer a paz, descanso, o labio mudo...
 « por fim... a eternidade! »

II

Talvez que da lousa, no leito sombrio,
 sentindo rezar,

te diga: — « Não creias nos sonhos da vida...
 que trazem penar! »
 Talvez que te sintas cantando na lyra,
 no meigo scismar!...
 Que guarde, constricto, na terra gelada
 teu dôce chorar!
 Talvez que ao abrigo do astro fulgente,
 ouvindo rezar,
 eu goze teus carmes, lamentos e penas,
 á luz do luar!

III

A ti, a minha voz sonora e meiga,
 a ti, o canto meu;
 deixae-o penetrar, sorrir na veiga,
 depois... subir ao céu!
 Eu sei que vou morrer! A minha crença
 diz sempre aos que meditam no futuro:
 « Choraes com dôr, choraes!
 « Os laços que vos dizem mil delicias,
 « sonhadas no vigor da mocidade,
 « oh! passam como um ai! »
 Eu sei que vou morrer! Diviso ao longe
 « a faxa branco-azul dos hemispherios »
 da vida ao prenoitar!
 Alli, n'esso mysterio, hei de elevar-me
 acima d'este mundo, ingrato e vil,
 que nada pôde dar!

Madeira.

JOAQUIM PESTANA.

UMA VISITA AO VATICANO

De um artigo que encontramos n'um jornal francez tomamos o seguinte:

« Ao sair de S. Pedro, lancei um ultimo volver d'olhos para o monumento incomparavel que *quarenta e tres* papas levaram *trezentos e trinta* annos a construir, e encaminhei-me para a famosa Porta de Bronze que serve de entrada ao Vaticano, do lado direito da praça.

O aspecto exterior não deixa adivinhar nem a vastidão, nem as magnificencias do interior. Dir-se-hia simplesmente uma caserna grandiosa, surrada de numerosas janellas e dominando com a sua massa a campina romana.—O edificio não tem mais unidade que fachada, e ninguem, de lóra, faz idéa das proporções collossaes d'es-

te palacio, ou antes d'esta agglomeração de palacios, edificados por dezesseis papas e reunindo os mais maravilhosos thesouros d'arte que existem sob o sol.

O Vaticano é um mundo, e, para o conceberem por alguns Algarismos, basta dizer-lhes que não comprehendem de menos de 300 escadas, 4:422 salões e 13:000 quartos! E' de fazer sonhar estes pobres parisienses, que abafam nos seus pequenos aposentos de baixos tectos e dimensões mesquinhas.

A' entrada estão os Suissos, com os seus trajes variegados e as suas longas partazanas, que dariam uma como rapida visão da idade-media, se ao mesmo tempo se não avistassem luzentes filas de *chassepots* n'uma sala visinha. Os Suissos guardam sómente a

Porta de Bronze. Desde o andar inferior e o primeiro pateo são os guardas pontificios que fazem o serviço. Teem todos um porte soberbo e é preciso confessar que o aspecto marcial d'aquelles papalinos é bem preferivel ao dos soldados de calças pardas do rei Humberto, o minimo inconveniente dos quaes é trazerem á memoria a nossa velha guarda nacional.

Deixo as estatuas de Constantino e Carlos Magno para seguir pela *scala regia*, escadario real construido por Bernin, e subo, pensando em Chateaubriand, que tão esplendurosa descrição fez d'esta via de marmore e porphyro, cujas lageas teem visto passar tantos principes, embaixadores, peregrinos e simples crentes.

Subo, com uma commoção crescente, e chego enfim a uma sala amplis-

sima e silenciosa, especie de primeiro vestibulo onde os visitantes depoem o chapéo e as luvas, porque a etiqueta manda entrar nos aposentos reservados do papa sem luvas nem chapéo, com as mãos desembaraçadas e nuas.

Depois atravesso a passo vagaroso uma serie de salas imponentes, ornadas dos marmores mais preciosos e dos mosaicos mais admiraveis, umas ostentando columnas de jasper, outras incomparaveis tapecerias, e onde vão e veem camareiros de trajes purpureos, prelados com elles violaceos, abbades vestidos de preto, monges de capello cinzento ou branco, e guardas-nobres de uniforme flamante, cujas decorações fai-cam.

Estes guardas-nobres pertencem á mais alta aristocracia romana e ao todo eminentemente militar alliam uma gravidade respeitosa que logo á primeira vista impressiona. Só elles fazem o serviço interior do palacio. Vêem se passar de um aposento a outro, sem ruido, sobraçando o capaccete de ouro por estes grandes calores e trocando o santo com uma dignidade que se não descobriria em qualquer outra corporação militar.

Encontro ali monsenhor Macchi, sorridente e gracioso, e, por uma rara fortuna, o camarista encarregado de me conduzir é um francez, o commendador Desmett, addito ha mais de vinte annos ao serviço dos papas.

O salão onde espero tem pouca luz, em consequencia das precauções tomadas contra o sol.

As persianas externas estão rigorosamente fechadas e as largas cortinas dão apenas passagem a uma luz pe numbrosa que transmite ao recinto o recolhido aspecto de uma capella, muito mais porque á minha frente se destaca sobre o fundo vermelho da parede um admiravel Christo de bronze dourado.

Emfim ouve-se um toque de campainha, ergue se um reposteiro e acho-me no salão historico da condessa Mathilde, em face de Leão XIII.

O papa é um bello ancião, direito e cheio de vitalidade, com os olhos scintillantes de intelligencia e penetração, a physionomia fina, a presença nobre e imponente e respirando simultaneas a dignidade e a bondade. A sua magreza é a de um asceta, e quando um raio de luz lhe passa a-travez das longas vestes brancas, imaginar-se-hia que o corpo se acha ausente e que ali não ha mais que uma alma—uma d'estas almas nuas, de rija tempera, das quaes diz Bossuet que ellas são senhoras do corpo delinhado e valetud nario que animam.

Os cabellos são alvos de neve e eclipsam a propria brancura do pequeno

solideo de setim que os deixa escapar nas fontes. A voz é forte e vibrante, com a entoação mais nobre.

A conversa é facil, porque Leão XIII f-la com a maior pureza a n-ssa lingua, e breve se adivinha que elle se-gue de muito perto, nos differrentes periodicos, todo o movimento politico do nosso paiz.

A CIGANA

101

D. MARIA DEL PILAR SINUES

Versão livre

DE

J. DE FREITAS

(Continuação do n.º antecedente)

XIII

Eram nove horas da noite.

Um candieiro de alabastro em fórma de globo, era a unica luz que illuminava debilmente o aposento de D. Antonia.

Esta não dormia, porque a debilidade de suas faculdades, ou lhe impedia todo o reponso, ou, se lhe davam alguns minutos em que pudesse descansar, era tão povoado do espectros e visões, que ella mesma se esforcava por d'elles se separar.

Estava com os olhos abertos e submersa n'essa triste e silenciosa meditação, que d'ha muito constituia o seu estado habitual.

Na proxima sala, Isabel, com aquella impassibilidade que a caracterisava, costurava e deixava adivinhar nas feições o seu genio duro e arisco.

Esta sala era a que D. Antonio destinára para os seus estudos e labores, razão porque se viam alli bastidores, cavalletes e alguns livros.

Perto de Isabel havia uma pequena mesa sobre a qual ardia uma frouxa luz a que a boa creada trabalhava.

De espaço a espaço interrompia o seu trabalho e interrogava o espaço com expressões de somno e fastio.

Em meio d'uma d'estas interrogações, surprehendeu-a o tilintar da campainha de D. Antonia.

—Meu Deus! que lhe succederá? — exclamou Isabel levantando-se apressadamente, porque amava, quanto lhe era possivel, a senhora a quem servia.

E deixando o que estava fazendo entrou na habitação da enferma.

Esta não se moveu, e apenas fitou a creada que entrava.

—A senhora chamou-me? — perguntou Isabel inclinando-se sobre o leito.

—Quem és tu?

—Sou Isabel, senhora — respondeu a creada.

—Onde estavas?

—Na sala proxima esperando as ordens de v. exe.ª

—Não entrou aqui ninguem?

—Não, senhora.

—Deverás?

—Eu estava alli na sala proxima e não vi entrar pessoa alguma.

—Onde está meu filho?

—Talvez esteja a descansar.

—E... aquella menina que cantava?

—Ah! aquella ciganita?

—Não sei se era ou não cigana; sei apenas que cantava como um anjo, e que o seu cantar me fizera muito bem.

—Quer a senhora que eu vá chamal-a?

—Muito me alegraria em a vêr, a ella, que poz sobre este leito umas flores, que o calor da febre de certo já murchou.

E a enferma olhando para o ramo de flores que segurava ainda na mão, juntou-lhe as que Edmunda collocára sobre as almofadas.

—Vou, pois, chamar a ciganita, senhora, vou buscal-a.

Ao sair perguntou ao creado Baptista onde estava Edmunda.

—Quem, aquella pequena negra e coberta de farrapos? — perguntou o creado—Vae procural-a, vac, e verás como a encontras.

—Então já se iria embora!

—Qual embora! anda por ali a passear pelo braço d'essa dama que veio de França, e vestida toda de branco como que fôra uma menina?

—Com a marquezia?

—Sim, com a marquezia. E a proposito, rapariga, creio que Philippe fez bem em receber em casa a tal senhora; e eu, em vista dos seus ares de grande fidalga, sirvo-a da melhor vontade, e creio que serei bem pago do meu trabalho.

—Quem sabe?

—Sci-o eu; podes estar certa que teremos uma boa recompensa.

—Tanto melhor; mas onde estará essa pequena?

O laçao olhou pela janella e disse: —Olha: lá dão a volta a marquezia e ella.

—Que vejo! é aquella vestida de branco?

—É, é ella mesma.

—Parece muito mais alta!

—E parece, além de mais alta, uma mosca a nadar em leite.

—Mas quem foi que a vestiu assim?

—Ora essa! quem havia de ser? a marquezia.

Isabel, muda de surpresa, contemplava Valeria com o seu novo traje de musselina, que a fazia parecer-lhe de mais alta estatura, que quando usava o seu vestido de cigana, curto e apertado.

Não podia ser mais completa a transformação! E não só a mudança de vestidos se fazia notar; notava-se mais ainda a boa disposição de seus cabelos, que, em vez de caírem soltos, como antes, estavam seguros com essa graça infinita, que só as mães sabem empregar nos penteados de suas filhas.

As feições da joven, se bem que tinham o signal d'uma profunda tristeza, pareciam todavia repletas de nobreza e distincção; e a crestada côr de suas faces, dir-se-hia haver desaparecido um pouco, indicando que em breve deixaria o logar a essa côr trigueira, bem mais seductora e sympathica, sem duvida, que a mais delicada alvura, por mais assetinada que seja.

Nada pôdo dar-vos, leitoras, uma idéa mais aproximada da graciosa flexibilidade de seu talhe, que a comparação já tão usada, com os juncos que nascem nas orlas dos arroyos e que as brisas travessas mençam a seu bel-prazer.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

A Biblia popular illustrada

Cabe-nos hoje o fallar d'esta obra importante que, sob a permissão do Ex.^{mo} Snr. Cardeal, D. Americo, se está publicando no Porto.

Se ha publicações que mereçam o favor do publico e cuja falta se fizesse sentir em Portugal, esta de que nos occupamos é uma d'ellas.

Não ha muitos annos que principiou a desenvolver-se entre nós o gosto pelas letras, e bem longe estamos ainda, com pesar o dizemos, de nos considerarmos á altura em que deveramos estar para occupar o logar que nos compete em meio do mundo litterario.

O dar amplo desenvolvimento a publicações verdadeiramente catholicas, é dever de todos nós, porque é d'ahi, com certeza, que a Portugal ha-de vir nma nova era.

A «Biblia popular illustrada», escripta como se costuma escrever a historia, está ao alcance de todas as comprehensões, ainda que não ao de todas as bolsas; o que não quer dizer que seja cara, por-

que as magnificas gravuras que a adornam, o papel de superior fabrico em que é impressa, tudo isto se não pôde dar barato. Queremos unicamente dizer que não é para o povo, attendendo a que será para elle bastante dispendioso.

Para a classe media, para quem poder sem sacrificio dispendir 60 réis semanalmente, deve fazer aquisição d'esta obra; deve tel-a em sitio onde possa ser consultada; deve fazel-a lêr ás creanças, porque a sua leitura, auxiliada pelos desenhos com que é illustrada, deixarão gravadas na memoria tenra da juventude as passagens mais salientes d'essa formosa historia, da verdadeira historia da humanidade, a unica verdadeira, porque está escripta sem os preconceitos de seita.

O n.º que temos ante nós é o 1.º onde admiramos duas gravuras formosas pela linura dos traços e mais ainda pela escolha dos assumptos. Uma d'ellas representa Lot e sua familia ao abandonar a cidade de Sodoma por mandado de Deus. A outra representa Agar no deserto, estreitando nos braços Ismael e flectando os olhos no céu d'onde esperava o unico amparo. São bellas estas duas gravuras, e se não são tão aprimoradas como as das primeiras edições que se fazem no estrangeiro, são ainda assim as melhores com que se tem illustrado livros portuguezes.

Desejar que uma tão util publicação seja conhecida de todas as familias catholicas é o mais que podemos fazer, ao mesmo tempo que agradecemos á empreza os fasciculos com que nos brinduo.

Camões e as mulheres portuguezas

E' um pequeno folheto, mas elegantemente impresso, este de que nos vamos occupar. Em suas paginas lê-se o discurso pronounciado na sala da Sociedade de geographia por D. Margarida Victor.

Esta dama, que não conhecemos, revela uma pureza de linguagem não vulgar, e mostrou no seu discurso ter lido os versos de Camões, um sermão do snr. padre Antonio Candido e um livro do snr. D. Antonio da Costa, porque de todas estas tres coisas recitou um pouco.

A snr.ª D. Margarida Victor pôde ser admirada, entusiasticamente admirada pelos que pregam a emancipação da mulher á moderna; nós não a admiramos nos salões da Sociedade de geographia.

Para nós a mulher despe todas as roupagens que a tornam bella, poetica, desde o momento em que sae do meio da fa-

milia; desde o momento em que seus braços depõem em braços mercenarios o filho ou o irmãozinho para irem gesticular no meio d'uma sala, á giza de tribuno.

Por isso não palmejamos o discurso da arrojada dama, ainda que o agradecemos ao editor lishonense o snr. David Corazzi.

Bibliotheca das familias catholicas

Está em distribuição o 3.º tomosinho d'esta interessante bibliotheca. E' devido á penna de Mgr. Besson, bispo de Nimes; tem por titulo: — *Notarel pastoral sobre a Maçonaria*, e é traduzido pelo redactor principal do *Progresso Catholico* o Rev.^{mo} Padre Senna Freitas. Dizendo-se isto o mesmo é que dizer—acaba de publicar-se um livro importante a todos os respeitoes.

O editor, apesar d'este volume ter mais de 90 paginas, não quiz augmentar o preço de 30 réis, o que nos faz julgar que o editor catholico Teixeira de Freitas opera milagres totalmente desconhecidos dos livreiros portuguezes.

A Roma!

E' outro livro que a actividade do mesmo editor Teixeira de Freitas fez sair do prélo não ha muitos dias, e de que a impreza do paiz se tem já occupado, como os leitores podem ver dos extractos que a *folha solta* tem publicado.

Pela nossa parte nada diremos n'este logar, porque a honra de tal favor foi pedida para penna mais habil. Aguardemos, pois, e em quanto vejamos a opinião da *Religião e Patria* acerca do livro a *Roma*:

A *Roma!* e o titulo do outro volume, que contém *esboços e narrativas da viagem* do auctor, o snr. P. M. Capella, áquella cidade, por occasião da peregrinação portugueza que alli foi, em 1877, presidida pelo snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa.

E' editado este livro pelo snr. Teixeira de Freitas, proprietario da «Livreria Internacional» d'esta cidade, e contém 252 paginas da mais attrahente, graciosa, perfumada e por vezes instructiva leitura, que ha muito tempo havemos feito.

São descripções rapidas, são esboços ligeiros, são narrativas sorridentes dos variadissimos quadros, dos valiosos mouu-

numentos, das diversissimas impressões que actuam sobre o espirito d'um viajante, para ahí se gravarem fundamente e para do lá serem extrahidas com a mais correcta fidelidade, quando no viajante, como no snr. P. M. Capella, [superabundam dotes de iriada imaginação e culta intelligencia.

Ve-se que dava para muito mais do que para estes ligeiros esboços a potencia intellectual e artistica do auctor, e é talvez por isso mesmo que, para nós, se torna mais apreciavel ainda este livro, porque se infere do gracioso modo porque o snr. P. Capella deixa correr despreziosamente a penna, que lhe presidiu o proposito de não fazer uma leitura pesada e fastienta, mas de lhe dar uma forma tão vaporosa e tão ligeira, como foi rapido o precurso da sua viagem.

Agradecemos ao snr. Teixeira de Freitas o exemplar com que nos brindou, e recommendamos aos apaixonados de livros de viagens a aquisição d'este, que os ha de fazer passar algumas horas da mais aprasivel leitura.»

Ao Summo Pontifice Leão XIII

Com este titulo foi-nos enviado um exemplar d'um hymno para canto e piano, dedicado, como se vê, a Sua Santidade. E' devido á penna do Snr. Manoel Maria Portella, a poesia, e a musica ao engenho do snr. Antonio do Nascimento e Oliveira.

Seria pedantesca ousadia o fallar de musica, quando somos por completo estranhos a tão formosa quão poetica arte. Do canto podemos dizer que é bello, que são cheios de mimo e de amor ao Santo Padre os versos de que se compõe. E tão bellos são os versos que de bom grado para aqui os trasladariamos; falta-nos, porém o espaço, e por isso findamos repetindo o côro?

«Ao Vigario de Christo na terra sempre, sempre sejamos leaes, contrapondo dos impios á guerra os preceitos das leis divinaes.»

As leitoras do *Progresso Catholico* que quizerem possuir este hymno podem requisital-o ao editor Teixeira de Freitas, que, mediante 400 réis o fará chegar a suas mãos.

Historia Popular dos Papas

Está em distribuição o fasciculo 19 da 1.ª assignatura d'esta obra monumental.

Comprehende este fasciculo: a conclusão d'uma das mais importantes partes da historia da Egreja—*Os papas e o philosophismo*; principia e conclue a parte que tem por titulo—*Pio VI e a Revolução*, e incita a historia do Papado no seculo dezenove sob a denominação de—*Pio VII e Napoleão 1.º*.

Deixemos aqui gravadas as palavras com que o sabio historiador Mr. Chantrel abre este capitulo da sua obra:

«Abre-se com Pio VII a historia do Papado do seculo decimo nono; vamos entrar na exposição dos factos contemporaneos. Nunca a lucta da Egreja e dos Papas contra o mal foi mais viva, que no nosso tempo, nem teve mais esplendido caracter de grandeza e santidade. E' universal o ataque: dão-l'ho os poderosos, empregando alternadamente a força, a astucia, a violencia e a mais relinada hypocrisia; da-l'ho a imprensa, esse novo poder dos tempos modernos, que forma a opinião e mais vezes a perverte que a illucida; dão-l'ho todas as paixões, todas as ambições conjuradas. Reunem-se todos os erros, todos os odios contra a santa Egreja de Deus e contra o Papado, a cabeça d'ella; e o Papado, desarmado, abandonado de todos e entregue a si mesmo, resiste com invencivel constancia. Para isto deu-l'ho Deus duas palavras, que levantam em roda d'elle um inexpugnavel baluarte; contra o mal e injustiça proclama altamente os direitos da justiça e diz: *Non licet*, não é permitido; contra as exigencias dos que lhe querem arrancar concessões incompativeis com a sua existencia e imprescriptiveis deveres, oppõe as palavras: *Non possumus*, não podemos; e, apesar da força dos inimigos, que não recuam diante de nenhuma injustiça, nem conhecem nenhum obstaculo, ella não desiste nunca de proclamar a verdade, e lembrar aos homens seus deveres e os direitos de Deus. Nunca a historia nos apresentou quadro mais bello, nem mais consolador, pois mostra todo o poder do direito desarmado até em frente da iniquidade poderosa e munida de todos os meios, que dão ordinariamente a victoria.»

F. DE GUIMARÃES

A' PALAVRA

Felicitemos este nosso esla-recido collega da cidade da Virgem, por haver entrado no 9.º anno da sua publicação, desejando-lhe uma nova serie de felecidade e forças bastantes para arcar com os nossos inimigos.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Que grande responsabilidade não cabe aos governos d'esta terra portugueza, e como deve ser terrivel o dia em que os verdadeiros portuguezes os chamem para lhe tomar contas dos seus actos!

Os ministros que se acobertam com os arminhos da realza, e os cortezões que vivem á sombra dos regios passos, não veem ou fingem não vêr a onde revolucionario, que cada dia mais se avoluma, que cada dia mais se aproxima das rochas que se antepõem ao seu louco caminhar.

O jornalismo portuguez, que até hoje era impio e dirigia seus tiros contra Deus e seus ministros, sem que aquelles a quem competia enfreal-os em tal carreira, cuidassem d'isso, foi pouco e pouco caminhando pela estrada que conduz ao desrespeito de todas as leis, e eil-o no campo da demagogia, dirigindo as frechas civadas de socialismo e nihilismo contra a pessoa do rei, que se acha rodeado de ministros ignorantes do sitio onde devem por a bom recato os que conspiram contra as instituições.

Um dia, os pobres frades, os amigos da humanidade, os que prégavam ás turbas o temor de Deus e o respeito ao governo dos homens, foram mandados sahir de suas casas, que se julgavam foros de conspirações e obrigados a despir o habito, em cujas pregas se desconfiava escondessem o punhal regicida.

E o frade, o pobre frade, ao abandonar a sua casa, ao despir o habito com que se havia amortalhado, cahiu de joelhos sobre a terra onde não tinha um tecto que o abrigasse e pediu a Deus melhores dias para este maldadado paiz.

São passados 47 annos, e parece que os bons dias que os frades pediram para Portugal se vão aproximando! Mas Deus, que em sua infinita sabedoria não costuma dexar sem castigo os crimes das nações, vae, ao que parece, preparando o castigo dos verdugos dos frades, que pagarão as mãos dos seus, as atrocidades que praticaram em nome da liberdade.

Depois virá a paz!

«Abaixo a realza de direito divino; morram todos os padres: não carecemos do Papa para nada!»

Assim fallavam os *libertadores* d'esta terra fidelissima, em meio das festas da corte, d'envolta com o gargalhar das camarilhas.

Hoje apparece um jornal, publicado no *baluarte da liberdade*, que diz em correcto portuguez:

«O rei constitucional é uma nullidade; elle não é rei, elle não governa etc. etc.

Pois bem: á lucta. Urge combater o throno e a cañilla ignobil da monarchia portugueza.

Urge finalmente destruir por uma vez a realza, e desenrolar ás brisas do futuro a gloriosa bandeira da republica portugueza.»

O jornal que assim pede a vingança de Deus, chama-se o—*Combate*, de que recebemo o 1.º numero em acanhado formato, mas preñhe de sandices e blasphemias. Ainda assim agradeceremos a visita e pedimos a continuação.

Porque, digamol-o francamente, o *Combate* ainda não pede o aniquillamento geral.

Na questão de corões diz elle: «... e conforme pensam todos os republi

canos portuguezes, sinceramente dedicados á causa do povo, isto é, ao triumpho da justiça e á ruina total e completa das corôas: padres e reis.»

Ainda bem, collegas, que nos deixa as cordas de mil réis, que se as votasse tambem á ruina total e completa, estavamos bem servidos! Mas como d'estas corôas se sustenta tambem o *Combate*, eis a razão porque as deixa. Muito obrigado!

Os estudantes de Paris offereceram um *punch* de honra aos principaes amnistiados da communa. Um dos promotores da festa, o sr. Lagarde, levantou um *toast* felicitando-se pelo reforço que vinha animar a luta, *que se prepara*. «Marchemos pois, cidadãos, e que a chegada de novos combatentes nos alimente a esperança. Marchemos sempre unidos nos nossos principios vencidos em 71 pela reacção colligada. Levantemos um *toast* aos mortos de 71 e aos valentes defensores da communa.»

O sr. Henrique Rochefort respondeu bebeudo: «Pela moridade franceza;» e os srs. Ollivier Pain e Blanqui tomaram em seguida a palavra. Outro orador, o sr. Beauquier, deputado, desenvolveu esta these: «O opportunismo, eis ali o inimigo!»

Quem é que não vê o inimigo em qualquer cousa depois de beber! Estes Rocheforts sempre teem cousas!

Em outro banquete os discursos foram mais fortes ainda, terminando um d'elles por estas palavras: «E' tão nosso inimigo Leão XIII, no Vaticano, como Leão I, no palacio Bourbon.»

Este Leão I, é Leão Gambeta!

Vinho no caso, senhores, a ver se descobrem mais inimigos!

O parvallahão do *general* Garibaldi, tão estúpido como perverso, ao ver chegar á Italia alguns jesuitas francezes, escreve a um amigo:

«Caprera, 8 de julho de 1860.

Meu caro Bandi:

Eis pois os jesuitas na Sardenha! Estes lobos rechaçados de França estão em meio d'essas honradas populações innocentes, hospedeiras e tão patrioticas que nunca o tyranno do Sena, apesar das suas corrupções, vingou quebrantar a sua dedicação infrangivel á Italia.

Sim! esse povo generoso ouviu lamba-lhar os sins das suas povoações,—destinados a ser um dia repartidos em dinheiro pelos pobres—ouviu-os saudarem a chegada dos sectarios da inquisição, protegidos pelo mais jesuita dos governos.

Nada mais direi; mas quo a Italia saiba que os jesuitas repulsos da França são acobitados na Italia.

Sempre vosso,

Giuseppe Garibaldi.»

Só um parvallahão como este Garibaldi é que podia descobrir nos jesuitas sectarios da inquisição! Não admira; quem toda a vida tem sobrado o trabuco, não pode ter tempo para folhear historia! e nem carece de saber historia quem sabe que os

sinos se podem pôr em palacos para repartir pelo povo.

Que matilha!

Pensa um pouco melhor respeito a jesuitas um jornal de Lisboa, cujo nome não vem para aqui agora, que dando a seguinte noticia, não herria contra os jesuitas, por terem encaminhado uma intelligencia. Eis a noticia:

«Por occasião do centenario de Camões houve no collegio de Campolide uma festa litteraria em que tomaram parte alguns dos mais intelligentes alumnos d'aquella casa de educação. Arabamos de ver um pequeno discurso feito ali pelo joven estudante o sr. João Jardim, sobrinho dos nossos estimaveis amigos os srs. Jardins, que nos maravilhou pela maneira por que está feito. O intelligente estudante conta apenas quatorze annos de idade e no entanto revela no seu trabalho grande applicação, muito estudo e um bom aproveitamento. Quando se começa assim, sob tão bons auspícios, tem-se iniciado uma boa e laureada carreira.»

Como os leitores sabem, o collegio de Campolide é dirigido por padres jesuitas.

E nós pensamos ainda melhor com respeito aos jesuitas, e tanto assim é que, vendo nos jornaes de Lisboa que alguns d'esses henemeritos padres expulsos da França, vão comprar em Lisboa um palacio para n'elle estabelecer um collegio, lembramos aos mesmos padres a necessidade de se espalharem por todo o paiz, não se esquecendo de estabelecer um collegio em Guimarães onde tanto se sente a falta de casas de educação. E que bella casa aqui tem para isso!

A meia encosta da serra de Santa Catharina, em sitio ameno e no meio da fronde verde de muitas arvores, ergue-se o convento da Costa que fóra dos monges de S. Jeronymo, e que seus donos desejam vender. Se os jesuitas adquirissem este convento e fundassem n'elle um collegio, que gloria lhe cabia, por livrarem das ruinas aquella casa, e por dotarem esta terra do quo ella mais carece, d'uma casa de educação!

Quem gosta dos jesuitas que admira que acredite em milagres, e que os narre aos seus leitores! Abi vae um mais que achamos narrado em um jornal de Valencia, que o prova com milhares de testemunhas:

«Dolores Bonet y Arensi, natural do Abalat do Taronehers, cegou repentinamente no dia 11 do presente mez, sendo logo conduzido a esta cidade para ser tratado. Um dos mais acreditados oculistas classificados a molestia de Gota serena, que é o mesmo que dizer—não tem cura.

Um facultativo, o laureado joven D. Eduardo Garcia, medico do hospital geral da Misericordia, aconselhou a joven paciente e a sua familia, que se recolhesse ao hospital, onde, com ajuda de seus collegas poderia mais facilmente empregar os meios aconselhados pela sciencia.

A enferma tinha e tem o costume de frequentar amindadas vezes os Santos Sacramentos.

Em cumprimento d'este sagrado dever, foi com sua mãe á cathedral, ante-hontem, 18, onde assistiu ao santo sacrificio da missa, e se confessou e commungou, retirando-se depois á capella de S. Pedro dizendo a sua mãe que a deixasse só algum tempo, podendo depois ir buscal-a.

Explicar o fervor com que a ceguinha pediria a Deus a vista perdida, é cousa que não cabe em nossas forças; mas o que é certo, o que podemos dizer, é, que pouco tempo depois de principiar a sua prece, abriu os olhos, que tinha fechados, e com o maior assombro viu a luz, viu todos os objectos que a rodeavam, e, n'uma palavra, recobrou a vista sem auxilios humanos.

Com a alma a trahordar de alegria, deu fervorosas graças a Deus, e sem esperar por sua mãe, saiu do templo e correu a casa a levar a boa nova a sua familia.

A joven Dolores Bonet, habita hoje em casa de D. Ramon Bonet, em frente de Miguelete, onde podem ir colher informações do facto que narramos, as pessoas que o desejem.»

Com o nosso collega de Valencia exclamamos: Bemdicto seja Deus! Bemdicto seja Deus!

Aqui vae uma noticia que mostra bem a razão porque os libertinos dos nossos dias querem o divorcio Agralalhe o que é dos outros, e a mulher se tem a desgraça do ser pouco crente, pouco verdadeira em materias religiosas, se não tem, finalmente, a verdadeira educação, a educação catholica, cae na rede que lhe arma o apologista da emancipação da mulher, e de ahí o afundal-a n'um abysmo d'onde não sae.

«Vivia em Paris a americana mistress Annie Wetmor, mulher formosissima contando apenas 30 annos. Um tal Henry Paget, apaixonado por ella, declarou-lhe o seu amor e fez-lhe proposta de casamento. Havia um inconveniente gravissimo para levar a cabo os projectos do enamorado lord (porque é um lord, Henry Paget): mistress Annie era casada.

O amante não se estorvou com este obstaculo, e induziu a mulher ao divorcio a fim de poder casar com ella.

O divorcio obteve-se dentro em pouco e, acto continuo, sir Henry annunciou a mistress Wetmor que elle tinha de ir á Inglaterra tractar de alguns assumptos, cuja regulção se tornava indispensavel para o matrimonio em projecto.

Chegado que foi á Inglaterra, o fidalgo das duzias escreveu á pobre Wetmor que resolvera desposar outra mulher, e, como compensação, instituir á desditosa mil fraucos mensaes de renda Vitalicia.

Mistress Wetmor devorou em silencio aquelle odiosissimo ultrage, e, no proprio dia em que o lord se maridava em Londres, ella suicidava-se em Paris.»

Eis os fructes do divorcio, eis a decantada emancipação de mulher!

J. DE FREITAS.